



2010

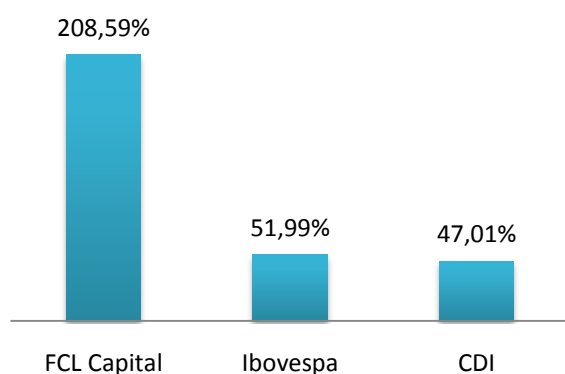
Tabelas e Gráficos de Resultado:

Valor da quota em 30/12/2010: 3,0859

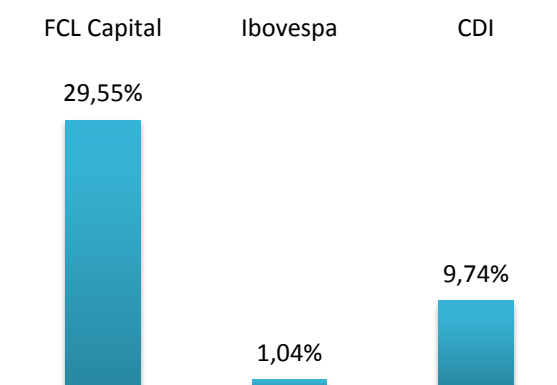
Patrimônio Líquido: R\$ 10.103.288,12

Performance	Em R\$	Em US\$
2010	+29,55%	+35,36%
Performance Acumulada	+208,59%	+279,18%
Performance Anual Média	+34,76%	+42,26%
Performance Mensal Média	+2,53%	+3,00%

Retorno acumulado desde o início da FCL



Retorno acumulado no ano 2010



1-Introdução

Um admirável mundo novo?

No início de 2008 a FCL Capital era um clube de investimentos recém-fundado e que possuía um patrimônio sob gestão cerca de 10 vezes menor do que possui hoje. A primeira vista poderíamos dizer que vivemos em um mundo completamente diferente daquele que existia até então. Todos sabem que a economia mundial passou nesse meio tempo pela sua maior crise no período pós-guerra. O Lehman Brothers, um dos pilares do sistema financeiro mundial quebrou da noite para o dia. Os mais exaltados já previam uma segunda depressão, um mundo de incerteza, onde a melhor coisa a se fazer era buscar um abrigo, alocar todas as economias pessoais em ouro e hibernar por anos.

Sem dúvida, as cotações de ativos financeiros, assim como o sentimento dos empresários do mundo foi uma montanha russa nestes três anos. Da euforia para o pânico e agora para um estagio intermediário entre os dois. Mas vamos checar os números atuais: em janeiro de 2008 o S&P500, índice acionário mais importante do planeta, tilintava na casa dos 1221 pontos. No dia em que começamos a escrever este relatório, 10 de dezembro de 2010, ele está cravado nos 1234 pontos. O petróleo, a commodity mais importante que existe, batia os 87 dólares. Ainda hoje de manhã lemos no jornal que o petróleo pela primeira vez em anos passou dos 90 dólares.

Não paremos por aí. As economias americana e da zona do Euro, que juntas somam quase 60% do PIB mundial, após experimentarem quedas, estão retomando e superando os patamares nominais do período pré-crise. Será que voltando ao ponto de partida?

Nosso relatório anual de 2010 tentará mostrar que apesar de caminhararmos em círculos em uma jornada tortuosa, o mundo realmente mudou nos últimos anos. Vimos a quase legalização da Mary Juana no estado americano da Califórnia, que foi rejeitada, muito infelizmente a nosso ver, e também uma economia mundial se aproveitando de certa embriaguez de tantos estímulos governamentais, dinheiro sendo impresso e juros artificialmente baixos. Como será a recuperação pós bebedeira ainda está para ser visto.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

Foi também um período que acelerou a percepção mundial de que realmente caminharemos para uma realidade que terá economias emergentes em um papel mais central, com Índia e China a frente, mas com o Brasil claramente se posicionando como a terceira economia emergente mais importante. Na realidade brasileira, as primeiras notícias são razoavelmente animadoras: se por um lado a possibilidade de alguma reforma modernizadora na economia brasileira é quase nula, pelo menos a direção adotada pelo governo tem sido positiva: manutenção do respeito pelos contratos, previsibilidade, leve controle da gastança dos últimos anos. Todo esse cenário tem muitas consequências para todos os nossos investimentos, ações, commodities, títulos de renda fixa, etc. Vamos ao longo do relatório formular varias teorias e cenários. Mas primeiro, um passeio pelo ano que passou.

2-Performance

Performance acumulada em reais: 208,59%
Performance acumulada em dólares 279,18%

A performance do clube de investimentos FCL Capital foi de +29,54% em reais e de +35,36% em dólares norte-americanos no ano de 2010. Este desempenho significa que desde a sua fundação, em três de abril de 2007, nosso clube de investimentos entregou um resultado médio de 34,76% ao ano em reais brasileiros e uma média de 42,26% ao ano em dólares norte-americanos e nosso desempenho acumulado se encontra em cerca de 208% em reais e quase 280% em dólares. Mais significativo, este desempenho foi obtido sem ajuda dos mercados acionários: o Ibovespa esteve em queda durante a maior parte do ano de 2010.

Para usar um dos ícones do ano que passou, a verdade é que 2010 foi um ano que até o polvo Paul teria certa dificuldade em prever: os índices acionários dos mercados mais festejados como Brasil e China performaram mal, o ouro continuou sua ascensão, subindo mais de 25%, como discutido em nossa carta mensal de outubro, e o Petróleo andou de lado. Mais do que nunca foi um ano onde o fundamental era estar investido nas coisas certas, e não simplesmente "apostar em ações", como fazem os amadores. "É quando a maré está baixa que vemos quem estava nadando nu o tempo todo", como diria Warren Buffett.

Algumas commodities performaram mal, outras, como o algodão performaram muito bem. Novamente, a seleção

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

específica ditou o rumo do ano, como deveria ser. Não faz nenhum sentido, a não ser em momentos muito extremos, que ações ou commodities completamente diferentes tenham desempenhos parecidos. Cada uma deveria responder a fatores específicos e assim foi em 2010. Assim, o clube conseguiu estar exposto em temas que acreditava e evitar empresas que considerava mal administradas e mal precificadas, assim obtendo uma performance quase 30 pontos percentuais melhor que o Ibovespa.

Sinceramente não estamos lembrando de nenhum dos principais índices acionários do mundo que tenha performado melhor que a FCL em 2010. O ouro, ativo considerado pela imprensa especializada o campeão do ano, ficou um pouco, mas não muito para trás: 25% em dólares contra nossos 35%. Uma das poucas coisas que nossos quotistas poderiam ter feito para obter desempenho similar no ano passado seria tomar um porre de vinho: a safra investment grade dos vinhos Bordeaux francês valorizou em média 32% em dólares em 2010, graças à crescente demanda de milionários asiáticos, com alguns rótulos tendo se apreciado em mais de 50%.

A FCL tem obsessão por rentabilidade. Essa é nossa principal razão de existir. Abaixo, falaremos um pouco do que se passava por nossas cabeças em 2010.

3-Diário de gestão 2010

Como dissemos em nosso último relatório anual, um ano atrás, com o benefício de se poder olhar em retrospecto, fica fácil fazer previsões acertadas. Não sabíamos muito o que aconteceria no ano de 2010, mas tínhamos a noção de que não seria um ano de "dinheiro fácil". Afinal, se o ano de 2009 havia iniciado com o preço dos ativos em baixas históricas, o que gerava uma óbvia oportunidade de compra para quem soubesse aproveitar com agressividade o momento, o mesmo não podia se dizer do ano de 2010.

As bolsas de valores, especialmente a brasileira, estava em um patamar que julgávamos bastante justo e razoável. Além disso, elencamos em nosso relatório sete riscos importantes para a performance da Bovespa no ano de 2010:

- 1) Risco de guerra comercial via desvalorizações mútuas de moeda;
- 2) Risco de problemas na economia chinesa;

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

- 3) Risco de problemas fiscais em economias desenvolvidas, sobretudo na zona do euro;
- 4) O absurdo aumento de capital da Petrobras;
- 5) Risco de estratégias de saída mal feita que pudessem levar a economia americana a uma nova recessão;
- 6) Risco de nova serie de defaults dessa vez em propriedades comerciais;
- 7) A percepção que um dia os juros voltariam a subir.

Todos estes sete riscos foram monitorados por nossa equipe ao longo do ano. Os riscos 2, 5, 6 e 7 não ocorreram e não afetaram negativamente a economia mundial nesse ano que passou. O problema 3 foi o mais sério do ano para a economia mundial e o problema 4 afetou o desempenho da bolsa brasileira, a Bovespa.

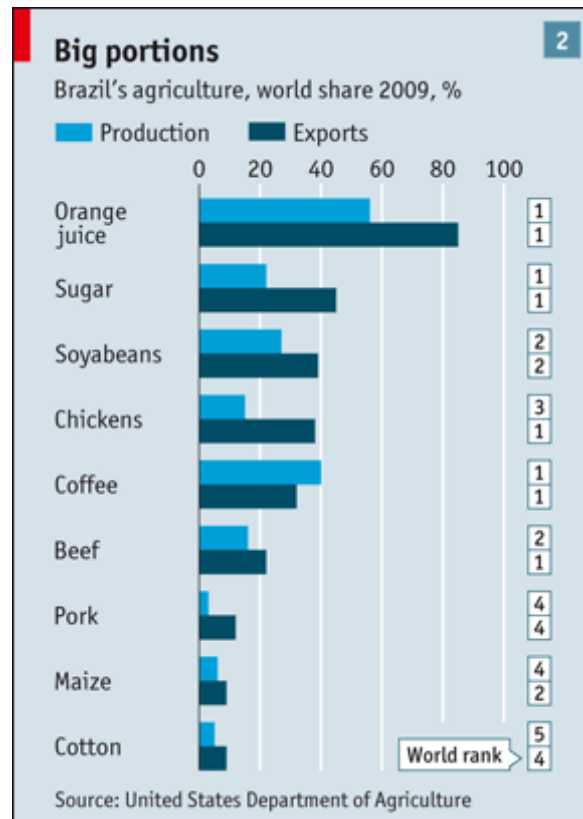
Nossa estratégia então foi concentrar em empresas pequenas, não tão atreladas ao índice, e que fossem óbvias oportunidades de investimentos não relacionados à bolsa. Nossa primeira percepção foi adotar uma estratégia exatamente inversa da que todos os analistas estavam pregando: ficamos shorteados (ganhando com a queda do preço das ações) em empresas voltadas ao consumo interno e ficamos comprados (beneficiados pelo aumento do preço das ações) em empresas exportadoras.

Como houve muita euforia em relação ao Brasil e mesmo investidores estrangeiros quiseram investir em empresas voltadas ao mercado interno, como Renner e Brmalls, nós passamos longe delas. São companhias maravilhosas, mas aos preços atuais preferimos apenas acompanhá-las, ao invés de nos tornarmos sócios delas.

Procuramos empresas nas quais o Brasil possuía vantagens competitivas, e foi assim que achamos uma empresa maravilhosa e que hoje é uma de nossas maiores posições: a Minerva, importante processadora e exportadora de carne bovina. Para se entender a Minerva é necessário primeiro entender todo o case do agronegócio brasileiro. O Brasil é hoje uma verdadeira potência agrícola:

Participação brasileira na produção internacional de:

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital



Entre hoje e 2050 a população mundial passará de quase 7 bilhões para pouco mais de 9 bilhões de pessoas e uma proporção cada vez menor estará no campo. Sabe-se que a população da cidade tem renda maior e hábitos alimentares diferentes, passando a consumir mais carne, doces e calorias. Além disso, o mundo tem escassez de boa área agricultável e de água potável. Pouca gente sabe disso, mas o maior uso mundial de água potável não se dá em uso doméstico, mas sim na agricultura.

Vejamos a disponibilidade de terras agricultáveis sobre as terras que já são usadas atualmente em diversos países:

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
5. Governança Corporativa
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital



Uma disponibilidade maior de terras ainda a serem utilizadas combinada com o fato de ter 40% da água potável do planeta sem dúvida dará para sempre um lugar de destaque ao Brasil na agricultura mundial. A água é o principal componente de preço, depois da terra, na produção bovina, no caso de uma empresa como a Minerva. Até o abate, um bovino consome quase 4.000 litros de água. Logo, a vantagem competitiva mundial nesse negócio irá para o lugar com mais farta disponibilidade de terra (para criar os bovinos a custo competitivo) e mais disponibilidade de água.

Achamos que o Brasil aos poucos aumentará ainda mais sua fatia no comércio mundial bovino e a Minerva, devido a seu modelo de negócios focado e eficiente, aumentará sua participação no comércio brasileiro. Somos hoje um dos 15 maiores acionistas independentes da Minerva. Seguindo o mesmo raciocínio abrimos também posição em Metafrio, a maior produtora de frigoríficos e geladeiras comerciais do hemisfério sul. Nos próximos 20 anos, 1 bilhão de chineses e indianos se mudarão do campo para cidades, na maior migração da história da humanidade, e mais importante, na maior criação de riqueza e formação de novos padrões da história da humanidade.

Sem dúvida em 20 anos viveremos em um mundo que consumirá mais petróleo, comprará mais carros, e consumirá mais alimentos industrializados. Se compararmos o consumo per capita de doces e refrigerantes no Japão, um país já industrializado, com o chinês, veremos que o consumo

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

desses itens na china e na Índia tem espaço para se multiplicar por 10. O problema, é que se comprarmos diretamente empresas de doces e refrigerantes chineses e indianos, ou mesmo americanas, essa conta já estará no preço, ou seja, já foi corretamente precificado pelo mercado e não existe mais um ganho de reprecificação sobre esse ativo.

A Metalfrio foi uma espécie de solução criativa que encontramos, pois ela fornece geladeiras para companhias internacionais como a Nestlé e a Coca-cola, e todos sabem que para se consumir um sorvete ou refrigerante é necessária uma geladeira para armazená-los. Mas, segundo nossa análise, o mercado ainda não chegou a essa conclusão e logo a Metalfrio está uma barganha. A gestão formada por ex executivos do banco garantia também nos agrada bastante.

Logo, ela não deixa de ser uma aposta indireta no crescimento da China e da Índia, mesmo sendo uma empresa brasileira. Mantivemos também nossas posições em CSU Cardsystem, apesar dos problemas que a empresa tem enfrentado em sua área de contact center. Acreditamos que a guerra das maquininhas, com a competição entre Cielo e Redecard será péssima para as duas, mas beneficiará empresas prestadoras de serviço como a CSU. Mantivemos ao longo de 2010 essa aposta.

Em outubro zeramos nossa posição em Tarpon, após uma TIR (retorno) de cerca de 250% e aumentamos nossas exposições em Paranabanco e Braskem. Estamos mais otimistas com o ano de 2011 do que estávamos com o ano de 2010. Ainda assim, olhando para trás acreditamos que a seleção específica de ações fez seu trabalho, com a FCL encerrando o ano em 29,5% contra 1,0% do Ibovespa.

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão**
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital



- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão**
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital



1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
5. Governança Corporativa
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital



4-As linhas tortas da globalização

4.1-Introdução

O sistema político mundial sempre girou contra as pessoas que não moram nos países onde elas nasceram. A razão para isso é simples: imigrantes não votam. Se políticos e as pessoas podem culpar alguém por seus problemas, muito melhor que seja alguém que não vai conseguir trocar os governantes e as regras do jogo. Melhor ainda se for alguém que você não entende muito bem. Um grupo a parte.

Na Roma antiga, os estrangeiros não possuíam poder político e eram frequentemente considerados inferiores e escravizados. Até a revolução Meiji, em 1867, os japoneses não mantinham qualquer tipo de contato, sequer podiam se dirigir a estrangeiros e navios vindos de além mar podiam ser recebidos com espadas.

Aos poucos, a humanidade tem cada vez mais a necessidade de estar conectada entre si. O mundo está ficando pequeno. Todos sabemos que duas nações democráticas, capitalistas e que praticam comércio nunca entraram em guerra entre si. Isso é um bom sinal. Mas será que a globalização é mesmo algo tão uniforme? Será que realmente entendemos as pessoas com as quais praticamos comércio? Todos nós temos tantas coisas a nossa volta, provavelmente TVs, computadores, café, mas paramos pouco pra pensar nas pessoas que produziram, em todas as etapas da cadeia de

valor, as peças do computador, ou que colheram o café na plantação. Que língua será que falam? Como se vestem? A experiência de viver na cidade mais capitalista, diversa e aberta do mundo me dá um bom ângulo nesta questão.

Um dos blogueiros mais fascinantes do mundo, chamado Ethan Zuckerman, conduziu a seguinte experiência: colocar uma garrafinha de água Fiji, tão comum nessa cidade e consumida por todos por aqui, em um container, e depois desempacotá-la em Cambridge, perto de Boston. Como afinal é possível que o sistema de comércio internacional seja tão desenvolvido hoje que possibilite a alguém empacotar algo em um lado do mundo, desempacotá-lo do outro lado e ainda assim pagar menos de dois dólares por isso, mesmo com todos na cadeia de valor tendo lucro?

Se por um lado o experimento foi positivo, por outro ele gerou uma desconfortável certeza: a de que muitas vezes containers, moveis e eletrodomésticos se movem com mais facilidade do que idéias, musica, pessoas e cultura. Eu mesmo, que sempre me considerei uma pessoa antenada e bem informada parei pra pensar no quão pouco sei sobre essa ilha, de cuja água bebo todo dia, Fiji. Vale então refletir: quão globalizados somos nós?

4.2- A globalização das coisas



Oceania Americas Service (DC1)

PORT	ARRIVES	DEPARTS	TRANSIT
Philadelphia, PA, USA		WED	--
Savannah, GA, USA	FRI	SAT	2
Cartagena, Colombia	WED	THU	7
Balboa, Panama	FRI	SAT	10
Auckland, New Zealand	TUE	TUE	27
Sydney, Australia	FRI	SAT	31
Melbourne, Australia	MON	TUE	33
Timaru, New Zealand	SAT	SUN	38
Port Chalmers, New Zealand	SUN	MON	39
Napier, New Zealand	TUE	WED	42
Tauranga, New Zealand	THU	THU	43
Auckland, New Zealand	FRI	FRI	44
Manzanillo, Panama	MON	TUE	62
Cartagena, Colombia	WED	THU	63
Philadelphia, PA, USA	TUE		69

Note: Weekly Service.
Cartagena call is not accessible for Maersk Line.

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
5. Governança Corporativa
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

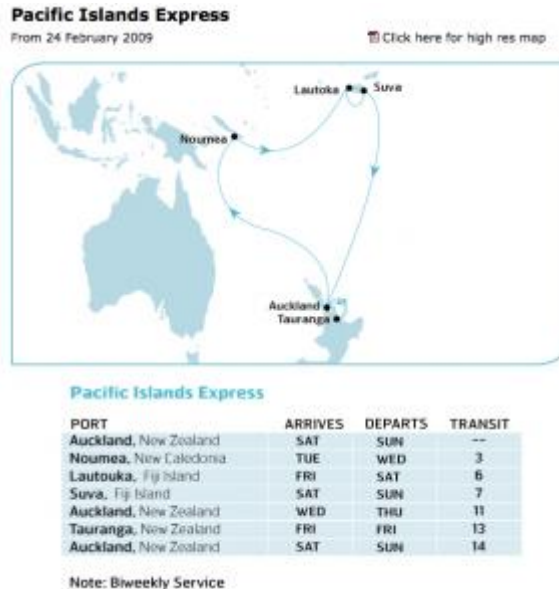
4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital



Durante duas semanas, quase toda a Europa, a maior zona econômica do mundo, ficou praticamente sem levantar vôos, devido ao vulcão de nome impronunciável da Islândia. É claro que isso gerou chateações intermináveis. Bandas internacionais, como o Swing out Sister não puderam sair de Londres e tiveram que adiar turnês mundiais. Festas de casamento tiveram que ser adiadas ou feitas à distância. Mas apesar de tudo isso, a economia mundial foi muito pouco afetada.

A primeira vista isso pode parecer surpreendente, mas como afirmamos em nossa carta mensal da época, a globalização, apesar de nós lembrar aviões, na verdade é muito mais uma história de navios. É por containers que se dá o grosso do comércio mundial. Através deles são transportados o minério de ferro e o petróleo que exportamos do Brasil e os Ipods e eletrônicos que importamos. Eles são a verdadeira veia do sistema econômico mundial. Contanto que os navios continuassem nos mares, a globalização nunca poderia ser detida. Pelo menos a globalização das coisas.

Zuckerman afirma que um dos seus brinquedos favoritos é o Maersk's online shipping rates calculator. A super firma dinamarquesa A.P. Møller – Mærsk Gruppen é a maior empresa de transportes do mundo, com escritórios em 135 países, 120,000 empregados, e aproximadamente 600 barcos de container, capazes de carregar mais de 2 milhões de containers de 20'. Eles também possuem um moderno sistema de TI, que foi tornado acessível para o público.

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização**
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas**
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital

Ok, não é exatamente uma Amazon.com ou uma Fedex. Para usar a calculadora de Maersk, você precisa se registrar no site, abaixar um programa para o navegador e aceitar três certificados antes de poder acessar o site seguro deles. Mas uma vez que você o faz, são apenas alguns clicks para você poder calcular o custo do transporte de um container de "guarda-chuvas, bengalas, apoio para cadeiras e chicotes" (sim, essa é uma das categorias disponíveis, assim como "osso e comida" e "minério, detritos e cinzas") de Auckland à Dubai: \$2451,02.

A principal coisa que se descobre brincando com a calculadora: A distância não importa tanto quanto a demanda. Americanos compram muitas coisas da China. Os chineses não compram tanto dos EUA. Um container de 40' cheio de bens do lar, enviado de Xangai para Houston custa \$6169,93. Invertendo a viagem e levando o mesmo container de Houston para Xangai e o custo é \$3631,07. Isso porque 60% dos containers de navios vindos dos EUA para a China estão vazios, o que significa que Maersk e outros transportadores estão desesperados para vender espaço em containers.

(O artigo de 2006 do New York Times que contem a estatística de 60% do espaço vazio em containers sugere que muitos containers cheios estão chegando até a China vindo de países ricos em matérias-primas, como Austrália, Brasil e o Oriente Médio. Talvez devêssemos observar o padrão inverso - containers caros indo de São Paulo para Xangai e containers baratos na direção oposta. Mas não: o preço é de \$5101,70 de Xangai para São Paulo, e \$1930,59 na outra direção. Talvez containers da China para o Brasil estejam navegando nos mesmos barcos que esses dos EUA e pagando os mesmos prêmios?) O leitor que nos enviar uma resposta correta e convincente sobre o porquê dessa disparidade de preços ganha uma camisa especial com o logo e emblema da FCL Capital!

Pode-se perceber muitas coisas ao se passar algumas horas observando os preços de fretes mundiais. Adiannamai, um vilarejo africano a 6 quilômetros do porto de Turvannamalai tem pilhas de tomates apodrecendo, que podem inclusive ser vistas em fotos no Google Earth. E porque isso acontece? Porque o custo de transporte para lá, devido à péssima infra estrutura é mais alto que o preço pelo qual eles seriam vendidos no mercado local. Sob qualquer prisma que se olhe

os fatos e dados de transporte e logística mundial são incrivelmente interessantes.

Maersk também oferece um conjunto de mapas que ajudam você obter uma noção de como essas rotas de comércio realmente funcionam. É uma viagem de quatro dias de Suva para Auckland no Pacific Islands Express, então as garrafas de água do Fiji são transportadas para OC1, a Oceania Americas Service. O cruzamento do Pacífico é longo - 18 dias para o Canal do Panamá, uma parada rápida em Cartagena, e estamos na Filadélfia após 25 dias de Auckland. Daí, é uma viagem de caminhão de Filadélfia para Cambridge e essa rápida viagem é responsável por \$950 do custo de transporte.

Enquanto remexo nesses mapas, calendários e tarifas, eu me sinto como se estivesse observando um mundo secreto. Parte disso vem da pura poesia que são os nomes. Rotas de transporte como "O Bumerangue" e "O Io-Io China/Austrália" e pontos de conexão como "A ilha de lata" (Apapa, Nigéria, o porto principal de Lagos). E parte vem da noção que essas rotas e taxas, a infra-estrutura que dá suporte a uma economia onde água engarrafada de outro continente é possível, são as linhas marcantes da globalização, que radiam um misterioso e sinistro poder.

4.3- A globalização das pessoas

Passemos então a um segundo experimento: o quanto as pessoas, e não as coisas que produzimos, estão integradas com o mundo?

É claro, que se vasculharmos os números com cuidado perceberemos que dependendo da nação e da região do globo, existem sociedades mais abertas e outras menos abertas. A cidade de New York, por exemplo, é um dos bastiões de tolerância e abertura do globo. Sendo o maior hub mundial de comércio, cultura e negócios, é natural que a cidade atraia as pessoas mais ambiciosas de todos os cantos do planeta. Localizando-se em um país formado por pessoas que acreditavam na meritocracia, na impessoalidade e no individualismo, isso resultou no fato de que a ninguém é restringida nenhuma possibilidade.

Um empregador novo iorquino normalmente empregará um indivíduo estrangeiro ou de qualquer cor e religião, desde que ele seja o mais qualificado. Isso costuma ir de encontro com

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização**
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas**
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital

muitas culturas, como a brasileira, onde as relações pessoais e a própria proximidade com "autoridades" e com o estado é quase que um bem de família, passado de geração em geração. E ao contrário do que acontece em outras partes do mundo, nenhum imigrante terá o acesso restrito a nenhum espaço público, entrará em todos os restaurantes, frequentará os lugares que quiser, desde é claro que pague por isso.

Naturalmente, com o tempo, isso resulta em uma sociedade incrivelmente diversa. Pode-se andar nas ruas e ver virtualmente todas as combinações possíveis de casais, sem que ninguém se espante com isso. Muitos reclamam de uma suposta impessoalidade, ou frieza dos povos anglo-saxões. Mas é aí que se encontra a principal virtude, os brasileiros, acostumados a um certo tratamento especial, quase diferencial por fazerem parte da elite no Brasil, não estão muitas vezes prontos para no mundo desenvolvido serem tratados como todo mundo, inclusive como os próprios americanos são tratados!

Naturalmente, ao redor do mundo existem lugares mais tolerantes e menos tolerantes. Invariavelmente os lugares mais capitalistas são os mais tolerantes. A visão liberal tende a pensar nas pessoas como indivíduos e não como grupos, o que ajuda nesse sentido. O Brasil nesse aspecto, como aliás em quase tudo, está no meio. Não é um lugar que descreta muito as pessoas com base em religião e o racismo que existe é muito mais algo histórico do que atual. Por outro lado, o governo tem dado claras demonstrações não muito animadoras, como praticar tantas tarifas alfandegárias privilegiando empresários brasileiros, tentativas de restringir contratações de trabalhadores estrangeiros, e limitar a própria compra de terra por não brasileiros que queiram investir no Brasil.

Os brasileiros têm muitas vantagens naturais. Somos um povo alegre, divertido, espontâneo que faz amigos com facilidade. Por outro lado, muitas vezes somos um pouco desacostumados com o que é diferente de nós. O famoso "salve Galvão" no Twitter foi um bom exemplo. Em um episódio que já entrou para a história das relações da web, durante o auge da Copa do Mundo as palavras "cala a boca Galvão" referentes ao famoso locutor brasileiro, entraram para os trending topics mundiais do Twitter. Obviamente, muitos ingleses e americanos, acostumados a só ver palavras inglesas entre os tópicos mundiais, começaram a pesquisar

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

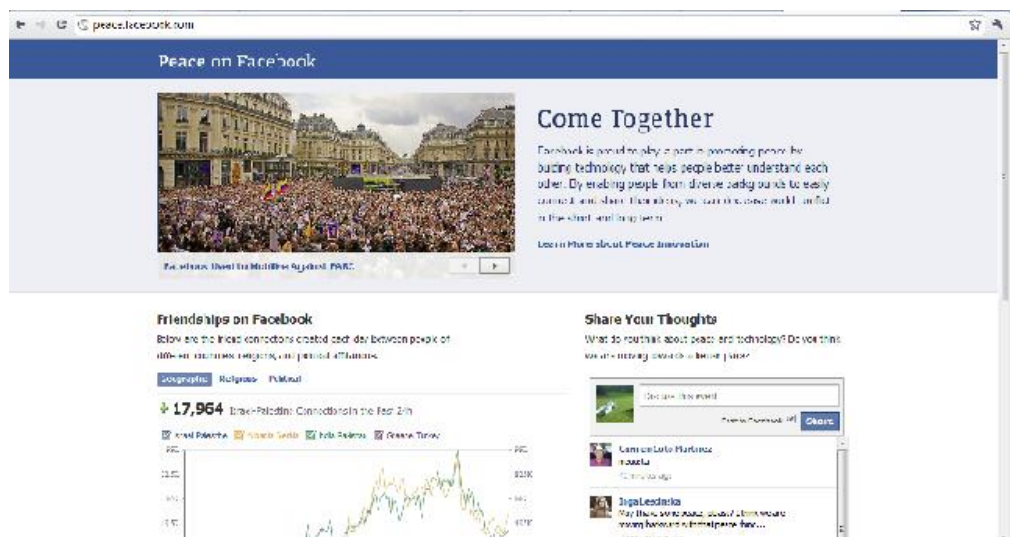
do que afinal se tratava. Em uma demonstração genuína de irreverência que ficará na história, brasileiros fizeram diversos vídeos e tutoriais falsos explicativos, como esse <http://www.youtube.com/watch?v=bdTadK9p14A>.

O fato é que naturalmente muitos acreditaram que se tratava de uma campanha de preservação ambiental, com sites especializados americanos, como o whatsthetrend.com que monitora em tempo real os tópicos do twitter, divulgando a campanha de preservação ambiental. É claro, algumas horas depois a farsa foi desmascarada e muitos estrangeiros ficaram zangados com o engraçado episódio.

Esse é mais um exemplo de como o avanço nas comunicações coloca mesmo as pessoas fisicamente distantes mais próximas umas das outras. Se já existem regras de convivência e etiqueta para frequentar um salão ou espaço público, quais serão estas em um ambiente virtual global? Aldous Huxley costumava dizer que o que já está entendido sequer precisa ser debatido. Eis então uma questão ainda a ser muito debatida nos próximos anos.

A paz mundial é possível?

"18,624 conexões entre israelenses e palestinos nas últimas 24 horas." Segundo o <http://peace.facebook.com/>



Uma das minhas páginas preferidas sempre foi peace.facebook.com, que mede em tempo real a quantidade de conexões feitas entre pessoas de Israel com pessoas da Palestina, entre pessoas da Índia com pessoas do Paquistão, entre muitos outros exemplos.

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização**
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas**
- 5. Governança Corporativa**
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital

Também há todo o tipo de conexões imagináveis: como os usuários de Facebook também costumam divulgar suas opiniões religiosas, sexuais, etc., o Facebook também calcula a quantidade de liberais amigos de conservadores, de gays amigos de heterossexuais, e muitos outros casos. Se pararmos para pensar e olhar os números, podemos ficar otimistas com a humanidade: nas últimas 24 horas 974 novas conexões entre judeus e palestinos foram feitas no Facebook. Quem sabe se entre estas, novos contatos de negócios, novos amigos, novos casais de namorados?

Ainda não existe um nome para a primeira geração que crescerá em um mundo realmente aberto e conectado, mas já existem bons estudos sobre estas pessoas, como no vídeo a seguir: <http://www.vimeo.com/16641689>, que fala sobre a geração atual, provavelmente a razão pela qual páginas como a *peace.facebook* existem.

O que isso nos mostra? Um fato maravilhoso. Por mais que, devido a interesses econômicos, políticos, orgulho ou simplesmente costume, governos, religiões e organizações tomem atitudes que nos levem a pensar o contrário, a sociedade civil, através da internet, da mídia livre e da globalização em geral está nos mostrando que quer uma mudança, que quer viver em um mundo cada vez menor, mais aberto e menos preconceituoso. Onde as diferenças não são só aceitas como servem de lição e aprendizado, fazendo com que todos se tornem indivíduos mais cultos.

5. Governança Corporativa por Besmar Lino dos R. Filho.

Conceituação

Governança corporativa é o sistema pelo qual as sociedades são dirigidas e monitoradas, envolvendo os relacionamentos entre Acionistas / Cotistas, Conselho de Administração, Diretoria, Auditoria Independente e Conselho Fiscal. As boas práticas de governança corporativa têm a finalidade de aumentar o valor da sociedade, facilitar seu acesso ao capital e contribuir para a sua perenidade.

Estudos comprovam que uma boa governança garante não apenas um prêmio na valorização da companhia na medida em que os investidores estão dispostos a "pagar" por essa proteção extra, mas também em melhores resultados ao longo dos anos, seja na forma de maior crescimento como em termos de maior sustentabilidade do negócio.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

**5. Governança
Corporativa**

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

Os códigos de governança corporativa existentes no mundo estão pautados nos seguintes princípios:

Transparência – A administração deve assegurar uma boa comunicação interna e externa. A comunicação não deve restringir-se ao desempenho econômico financeiro, mas deve contemplar todos os fatores que norteiam a ação empresarial e que conduzem à criação de valor.

Equidade – Caracteriza-se pelo tratamento justo e igualitário de todos os grupos minoritários, acionistas ou stakeholders □
Prestação de Contas – Os agentes da governança corporativa devem prestar contas de sua atuação a quem os elegeu e respondem integralmente por todos os atos que praticarem no exercício de seus mandatos.

Responsabilidade Corporativa – Os administradores devem zelar pela perenidade das organizações, considerando fatos de ordem social e ambiental. A função social da empresa deve incluir a criação de riquezas e de oportunidades de emprego, qualificação, estímulo ao desenvolvimento científico, ações educativas e culturais, defesa do meio ambiente, etc.

A boa governança corporativa proporciona a gestão estratégica da empresa e a efetiva monitoração da direção executiva. Garante aos investidores a preferência de seus interesses e permite proteção contra abusos de poder (do acionista controlador sobre minoritários, da diretoria sobre acionistas e dos administradores contra acionistas e terceiros).

Dentre as práticas para proteção a acionistas minoritários está prevista a decisão de matérias de alta relevância pela maioria do capital social, cabendo a cada ação um voto, independentemente de classe ou espécie e Tag-along, ou seja, o direito de □
Stakeholders: partes interessadas no bom desempenho da empresa, tais como colaboradores, clientes, fornecedores ou credores, a comunidade local, etc. acionistas não integrantes do bloco de controle obterem pela venda de suas ações no mínimo 80% do preço pago por cada ação de controle.

As principais ferramentas que asseguram o controle da propriedade (capital) sobre a gestão (administração) são o Conselho de Administração, a Auditoria Independente, o

Conselho de Auditoria e o Conselho Fiscal, cujas funções detalharemos ao final.

As origens da Governança Corporativa

O movimento de governança corporativa ganhou força nos últimos dez anos, tendo nascido e crescido, originalmente, nos Estados Unidos e na Inglaterra e, a seguir, se espalhando por muitos outros países. Após a crise de 1929, que culminou na criação da SEC (Security Exchange Commission) em 1934, e o surgimento dos conceitos de fato relevante e Insider trading, as diretrizes da Governança Corporativa começaram a tomar forma.

A partir de 1990, contribuiriam para o fortalecimento dos princípios de Governança Corporativa o processo de Globalização, as Privatizações, o movimento internacional de fusões e aquisições, o aumento das necessidades de financiamento e conseqüentemente do custo de capital, a concentração de capital em grandes fundos de pensão, a postura mais ativa de investidores institucionais e os grandes escândalos empresariais, tais como os da Enron, da WordCom, da Tyco e mais recentemente da Parmalat, que foi considerada pela SEC "uma das maiores e mais descaradas fraudes financeiras da história", segundo informações do IBCG – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa.

O primeiro código de Governança Corporativa surgiu no Reino Unido em 1992, como resultado da iniciativa da Bolsa de Valores de Londres (London Stock Exchange), que criou o chamado comitê Cadbury com o objetivo de revisar certas práticas de governança corporativas relacionadas a aspectos contábeis, que deu origem ao The Cadbury Report.

Atualmente, diversos organismos e instituições internacionais priorizam a governança corporativa, relacionando-a a um ambiente institucional equilibrado, à política macroeconômica de boa qualidade e, assim, estimulando sua adoção em nível internacional. O Banco Mundial e o FMI consideram a adoção de boas práticas de governança corporativa como parte da recuperação dos mercados mundiais, abatidos por sucessivas crises em seus mercados de capitais. Praticamente, em todos os países, surgiram instituições dedicadas a promover debates em torno da governança corporativa.

Pesquisas realizadas pela McKinsey & Co, em parceria com o Banco Mundial, apuraram que os investidores pagariam entre

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa**
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital

18% e 28% a mais por ações de empresas que adotam melhores práticas de administração e transparência.

No Brasil, a implementação das práticas de Governança Corporativa teve origem na aprovação da Lei n.º 10.303/01, que, alterando a Lei 6.404 (Lei das S/A), introduziu uma série de conceitos de Governança Corporativa. Em 2002, houve a criação do Novo Mercado e dos Níveis 1 e 2 de Governança Corporativa pela Bolsa de Valores São Paulo – Bovespa. No mesmo ano, a CVM publicou uma cartilha de orientação sobre Governança. O IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa foi responsável pela elaboração, no Brasil, do Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa, que em sua primeira edição concentrava-se principalmente no Conselho de Administração. O Código do IBGC já está em sua quarta versão. O Brasil participa de discussões sobre o tema em diversos organismos internacionais, tendo participado da elaboração com a OCDE do “The White Paper on Corporate Governance.” As Ferramentas de Controle da Propriedade sobre a Gestão nas Companhias Abertas De acordo com as boas práticas de governança corporativa, uma empresa de capital aberto deve estar estruturada da seguinte maneira:

Assembléia Geral dos Acionistas

Conselho Fiscal

Conselho de Administração

Comitês do Conselho (Governança, Risco, etc.)

Comitê de Auditoria (Auditoria Independente)

Auditoria Interna

Diretoria Executiva

O Conselho de Administração – CA

O Conselho de Administração é o órgão de deliberação colegiada, cuja missão é proteger e valorizar o patrimônio da sociedade, orientar a Diretoria e maximizar o retorno do investimento. O Conselho de Administração não deve interferir nos assuntos operacionais, o que compete à Diretoria – a representação da sociedade é privativa dos diretores.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

**5. Governança
Corporativa**

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

O CA deve ser composto por no mínimo 3 membros eleitos pela assembleia geral. Recomenda-se de 5 a 9 membros, tecnicamente qualificados, com experiência em finanças e contabilidade. Deve haver o maior número possível de membros independentes. Para efeito das regras de governança corporativa, a independência do membro do conselho deve estar relacionada às seguintes circunstâncias: i - não receber direta ou indiretamente dos acionistas controladores remuneração por consultoria ou assessoria e ii - não manter qualquer forma de vinculação familiar/afetiva com acionistas controladores. O mandato do membro do conselho deve ser de 01 ano, permitida a reeleição.

Entre as competências do CA, destaca-se a definição da estratégia, a aprovação da escolha ou da dispensa dos diretores executivos, bem como a fixação e revisão de sua remuneração, o acompanhamento da gestão, o monitoramento dos riscos e a indicação e substituição dos auditores independentes. É responsabilidade do CA supervisionar o relacionamento entre os executivos e as demais partes interessadas (stakeholders). As atividades do CA podem ser exercidas por comitês especializados, que poderão ser formados com um ou alguns membros do Conselho de acordo com o tema: comitê de finanças, comitê de risco, comitê de governança etc.

A Diretoria Executiva deve implementar as estratégias e a orientação geral dos negócios aprovadas pelo CA. Apesar do CA não interferir em assuntos operacionais, deve ter a liberdade de solicitar todas as informações necessárias ao cumprimento de suas funções, inclusive a especialistas externos, se necessário.

O Comitê de Auditoria

Conforme já comentado, a instituição do Comitê da Auditoria é obrigatória para Instituições Financeiras e empresas com ADRs emitidas (de modo a atender as exigências da Lei "SOX"). Para demais companhias brasileiras com valores negociados nos EUA é permitida a instituição de um Conselho Fiscal com atribuições do Audit Committee previsto na SOX. O Comitê de Auditoria deve ser composto por no mínimo 3 membros do CA, preferencialmente independentes e tem como atribuições, dentre outras:

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

**5. Governança
Corporativa**

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

revisar, previamente à publicação, as demonstrações contábeis semestrais, inclusive notas explicativas, relatórios da administração e parecer do auditor independente;

avaliar a efetividade das auditorias independente e interna, inclusive quanto à verificação do cumprimento de dispositivos legais e normativos aplicáveis à instituição, além de regulamentos e códigos internos;

avaliar o cumprimento, pela administração da instituição, das recomendações feitas pelos auditores independentes ou internos;

estabelecer e divulgar procedimentos para a recepção e tratamento de informações acerca do descumprimento de dispositivos legais e normativos aplicáveis à instituição, além dos regulamentos e códigos internos, inclusive com previsão de procedimentos específicos para a proteção do prestador e da confidencialidade da informação;

recomendar, à diretoria da instituição, correção ou aprimoramento de políticas, práticas e procedimentos identificados no âmbito de suas atribuições.

O Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal é composto de no mínimo 3 e no máximo 5 membros eleitos pelos sócios. Poderá ter até 2 representantes dos minoritários e 3 dos controladores. É o órgão técnico e consultivo e de fiscalização da gestão da companhia, não se confundindo com os órgãos de administração (CA e Diretoria). Membros do CA dele não podem participar. Controladores e minoritários devem ter uma participação paritária. Não existe qualquer relação de hierarquia ou dependência entre o Conselho Fiscal e o CA. Assim, as solicitações formuladas pelos membros do Conselho Fiscal devem ser atendidas na forma da lei e das disposições estatutárias.

Quando houver na companhia o Comitê de Auditoria, os dois órgãos devem coordenar suas atividades de modo que não haja sobreposição de funções. O Conselho Fiscal deve:

acompanhar o trabalho dos auditores independentes;

fiscalizar os atos dos administradores;

opinar sobre o relatório anual da administração;

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

5. Governança
Corporativa

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

□ opinar sobre propostas a serem submetidas à assembléia geral, tais como: emissão de debêntures, incorporação, modificação do capital social, planos de investimento;
□ denunciar erros, fraudes ou crime e sugerir providências, etc.

Da responsabilidade dos Administradores O acionista controlador deve usar corretamente o poder de controle, sendo responsável pelos danos causados como abuso de poder. Os administradores devem agir com diligência, lealdade, sem conflito de interesses. Os administradores, membros do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal, dos Comitês e da Diretoria somente não serão responsabilizados civilmente pelos prejuízos que causarem à sociedade, em virtude de ato regular de gestão, se provado que não procederam com culpa ou dolo, nem violaram a lei ou o estatuto social.

O administrador é responsável, ainda, por atos ilícitos de outros administradores se com eles for conivente, se negligenciar em descobri-los ou se, deles tendo conhecimento, deixar de agir para impedir sua prática. Para eximir-se de responsabilidade, o administrador que não pactue com outros administradores em ato suspeito ou considerados ilícito, deve consignar por escrito seu voto dissidente em ata do órgão administrativo do qual faça parte, ou dar ciência à assembléia geral.

Por força do art. 50 do Código Civil (desconsideração da personalidade jurídica), o administrador considerado culpado por atos lesivos à sociedade, responde com seus bens pessoais (não fazendo a lei ou a jurisprudência distinção entre bens adquiridos antes do exercício do cargo de administrador e os adquiridos após a posse no cargo).

6- O futuro como nós gostaríamos: 9 coisas que gostaríamos de ver acontecendo em 2011

-Fim da obrigatoriedade de publicação de balanços

Possuir uma empresa de capital aberto não deveria necessariamente ser caro e complicado, a não ser nos aspectos que realmente tragam maior proteção aos acionistas minoritários. A FCL se posicionou decisivamente, e publicamente, a favor da divulgação dos salários de executivos de companhias abertas. Por outro lado, uma

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital

obrigação atual nos parece bastante anacrônica em tempos de internet: a obrigatoriedade da publicação do balanço em jornais de grande circulação.

Se cada investidor pode acessar as contas da empresa com facilidade, porque uma exigência que apenas encarece o dia a dia da empresa sem trazer nenhum ganho para os acionistas? Temos que cada vez mais incentivar empresas a ir a mercado, e não desencorajá-las desta forma. Ainda possuímos a consciência de que uma assembléia de acionistas, um balanço social e tudo o que envolve uma companhia aberta é algo distante e formal. Nós como comunidade de investimentos temos que ir contra esta corrente.

-Fim do debate sobre cambio

Fazer o necessário é sempre custoso. Em quase todos os campos da vida nós normalmente preferimos soluções mágicas e indolores, mesmo diante do fato de que elas não existem. O caminho para a prosperidade no Brasil é simples: reformas estruturais como flexibilização das leis trabalhistas e tributárias, diminuição de gastos públicos e previdenciários, entre outras coisas. O problema é claro, os governos não querem fazê-lo.

Logo sempre existiram e sempre existirão expedientes e bodes expiatórios para nos desviar a atenção do que realmente deve ser feito. Durante os anos 90, tudo o que a medíocre imprensa financeira brasileira discutia era a taxa de juros. Acreditava-se piamente que com uma taxa menor nada deteria o Brasil de seu caminho de prosperidade infinita. Após pouco, com o aumento da credibilidade do banco central brasileiro e das perspectivas de solvência do governo federal, a taxa de juros de fato vem caindo muito, o que é sim uma bela notícia. De cerca de 20% ao ano de taxa real no primeiro governo FHC, para mais de 15 a.a no segundo, para cerca de 12% ao ano no primeiro mandato Lula para cerca de 6% em termos reais atuais. Isso realmente alivia uma série de problemas, mas é claro, não é a solução definitiva para todos os males econômicos.

Logo, a mesma corrente de economistas chamados "desenvolvimentistas" que só falava de juros naquela época, elegeu um novo inimigo mágico, para nos desviar da agenda de reformas: a taxa de câmbio brasileira. Hoje é difícil abrir um jornal sem que algum economista de uma ala ou

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital

industrial diretamente interessado, na maioria dos casos exportadores que dependem do real barato para maximizar seus lucros, não proteste que o "real está alto demais".

Na verdade, a taxa de cambio alta é boa para o país, ora, assim como para os exportadores, que ganham em dólar e ao voltar para o real tem um lucro com o real desvalorizado, os importadores tem um prejuízo, ou seja, toda a população brasileira é obrigada a ter produtos mais caros e logo uma economia ineficiente para o benefício de um grupo. A única taxa de cambio justa é a taxa ditada pelo mercado. Uma taxa altamente desvalorizada não é a solução para nada, além de ser protecionismo e manipulação cambial.

O real é apenas parte de uma tendência maior, que tem muitas moedas do mundo, sobretudo de produtores de commodities, vendo sua moeda se valorizar diante da moeda americana. Torcemos que em 2011 não existam mais debates sobre a taxa de cambio brasileira.

-Eleições livres no mundo árabe

Se grande número de eleições significasse democracia, o mundo árabe seria o campeão deste sistema. Essa região ainda problemática do mundo não possui os pilares básicos deste sistema: governo limitado, império da lei, imprensa livre, liberdade religiosa, etc. No geral, infelizmente, as eleições só servem como fachada para perpetuar as famílias imperiais no poder absoluto e autoritário. Os casos mais extremos como se sabe são da Arábia Saudita e da Líbia, mas em quase todos os lugares existem problemas evidentes no regime democrático.

Algumas dessas autocracias permitem mais pluralismo que outras. Marrocos, por exemplo, aumentou seu espaço para debate. Outros, como o Kuwait, permitem um parlamento eleito diretamente, mas a família real governante, ainda mais alto na hierarquia, criou uma quase paralisação legislativa. Muitas das monarquias do Golfo procuram gradativamente dar as pessoas uma autonomia maior. Mas quando a democracia vêm a tona, os monarcas pisam no freio, com medo que algum dia suas pessoas terão uma escolha real.

As razões para esse déficit democrático são há muito tempo debatidos. Alguns apontam para o Islã como um fator, outros para a natureza de clãs paternalísticos das sociedades Árabes. O fato que a maioria dos estados árabes dependem

do lucro do petróleo ao invés de taxaço de cidadãos conscientes é outra causa há muito citada.

Em todo caso, a internet e a evoluço das comunicaçoes tem pela primeira vez exposto o mundo árabe a novos valores, novas idéias, novos costumes. O belo movimento verde, que quase mudou a situaço política no Iran em 2009 é um bom exemplo disso. Para 2011 torceremos para ver novamente a populaço, principalmente os jovens, do oriente médio nas ruas, demandando direitos das mulheres de dirigir e ir a universidade, demandando mais liberdade, demandando democracia.

-Recuperaço do grupo Silvio santos

É difícil não admirar a trajetória pessoal desse empresário popularmente conhecido, o Silvio Santos. De origem da classe média, ele com talento fora do comum ergueu um grupo de 21 empresas e patrimônio de centenas de milhões de dólares. A mais conhecida destas empresas é seu canal de televisáo, o SBT, mas a mais valiosa delas é, ou era, o seu banco, o Panamericano. Ocorre que o empresário nunca esteve muito próximo ta gestáo do seu banco. Esta era confiada a pessoas de seu conhecimento. E no mês de novembro de 2011 a CVM apontou inconsistências e fraudes no seu balanço.

Obviamente, uma fraude é o mais sério acontecimento para uma empresa de capital aberto. Investidores odeiam a incerteza, odeiam se sentirem roubados e a consequência natural foi que as açoes do grupo foram ao chão. O crédito para todas as empresas secou. Como muitos afirmaram, o empresário não merecia passar por isso nesse momento de sua vida, no mês que completou 80 anos de idade.

Foi então que Silvio Santos tomou uma atitude poucas vezes vista, para não manchar a imagem de seu grupo: garantiu com seus bens pessoas, ou seja, com suas 21 empresas, os créditos para sanar as inconsistências nos balanços do grupo. Em outras palavras, Silvio bancou com seu dinheiro qualquer problema que pudesse surgir dessa situaço. É uma atitude incomum e completamente diferente dos outros problemas bancários já vistos no Brasil. Passa uma imagem de retidão e boa intenção poucas vezes observada.

Torcemos para que em 2011 o grupo de Silvio Santos esteja de volta comemorando a recuperaço do Panamericano e

1. Introduço

2. Performance

3. Diário de Gestáo

4. As linhas tortas da globalizaço

4.1. Introduço

4.2. A globalizaço das coisas

4.3. A globalizaço das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

celebrando a trajetória deste que é sem dúvida um dos mais fascinantes empresários brasileiros.

-Diminuição de gastos públicos, reformas no Brasil (previdência, tributária, trabalhista, etc.)

Infelizmente, a sorte que o Brasil teve de estar navegando em águas favoráveis, com forte demanda asiática por matérias primas brasileiras e melhoria do clima de negócios graças às reformas feitas pelo governo Fernando Henrique, permitiu ao governo colher os frutos que já haviam sido plantados e adiar indefinidamente reformas completamente necessárias ao Brasil, como a reforma previdenciária, a trabalhista, a tributária entre outras.

Só quando avançar consideravelmente nesta agenda de reformas o Brasil poderá se considerar uma economia moderna. Dilma Rousseff, a nova presidente eleita, terá muito mais a plantar e muito menos a colher que Lula. Esperamos que ela esteja a altura do desafio, embora duvidemos que esteja.

A consequência é que o Brasil infelizmente deverá continuar a ver sua economia crescendo a taxas menores que boa parte das economias emergentes da Ásia e da América Latina. Afinal, o governo raciocinou da seguinte forma: para que agir como estatista e colocar em risco a popularidade de curto prazo se podemos continuar empurrando tudo com a barriga e todos continuam razoavelmente satisfeitos? Infelizmente o governo estava certo.

Alem disso, se realmente existem intenções de levar a taxa de juros brasileira a convergir para padrões internacionais, a medida lógica e óbvia é fazer o nível de gastos estatais brasileiros convergir para padrões internacionais. Não precisa ser um gênio para se chegar a essa conclusão. Mas em um país com um governo chegado a artificialismos e manobras protelatórias do obvio ululante, continuaremos com os cintos de segurança afivelados temendo por medidas heterodoxas que visem a baixar a taxa de juros na marreta. O obvio por vezes tem dificuldade de ser assimilado no Brasil.

-Privatização da Petrobras

Sabemos que a chance deste sonho é zero, pelo menos para o ano de 2011. Mas o fato é que a Petrobras, por deter grandes quantidades de reservas importantes de petróleo é

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

uma empresa maravilhosa. No ano de 2010 ela, sozinha, foi a principal responsável pelo péssimo desempenho da bolsa no período. Devido à péssima administração pública. Apesar de tudo o que se fala dela, a Petrobras ainda é uma empresa relativamente pequena comparada com gigantes mundiais como a Exxon.

Empresa	Market Cap (Em 05/01/11)
Exxon	377,248.800
Petrobras	223,800.000

Acreditamos que a Petrobras privatizada seria mais eficiente, mais lucrativa, melhor para a sociedade e para o mundo. Os únicos prejudicados seriam os lobbies políticos e seus apadrinhados, que tanto se beneficiam com o status quo. Os motivos se mostram aparentes em 100% dos casos de empresas que foram privatizadas no Brasil.

-Terceiro setor no Brasil

Bill Gates e Warren Buffett são possivelmente os dois maiores empresários do mundo. Os dois maiores nomes do capitalismo global. O primeiro é um gênio da computação, o segundo o maior investidor de todos os tempos. Ainda assim, já há muitos anos os dois formaram uma, talvez improvável, amizade.

Alem disso, os dois são os líderes de um movimento que tem revolucionado a filantropia: o giving pledge. Basta ser turista por cidades como Nova York e Londres para se sentir o quanto a filantropia é uma parte importante da sociedade. Os principais museus, as principais universidades, muitos dos principais hospitais, quase tudo vem do terceiro setor. Nomes populares como Rockefeller center, Harvard University, entre outros só existem por causa de associações não governamentais que não tem fins lucrativos.

Porque o mesmo não ocorre em outras partes do mundo, como a America latina?

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

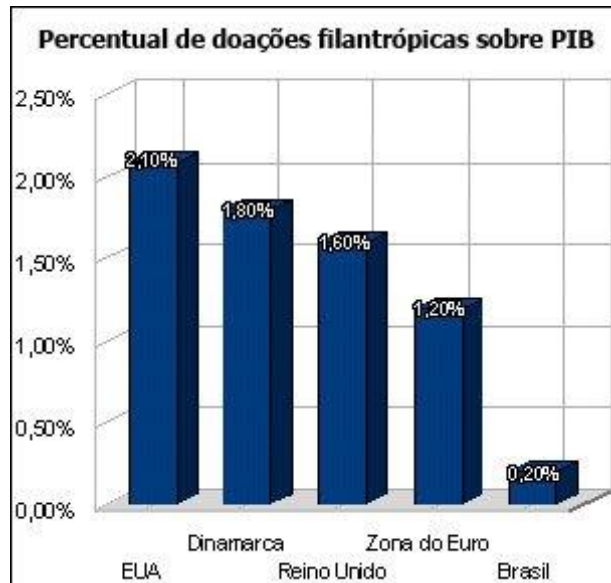
5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
5. Governança Corporativa
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital



Existem duas respostas para essa pergunta. A primeira é que latinos americanos em geral são muito acostumados com a idéia de que cabe ao governo o controle das coisas em geral e de cuidar dos mais necessitados em particular. Herdamos isso de nossa cultura ibérica e das capitânicas hereditárias. E como se sabe, hábitos e concepções antigas são difíceis de quebrar.

O segundo motivo é que convenhamos, empresários brasileiros já são taxados em demasia. Eles acabam contribuindo indiretamente bastante com a sociedade, mesmo que de forma indireta. É preciso inverter a cultura. Diminuir o estado e deixar o terceiro setor se expandir. Diminuir a tributação sobre os empresários e fazer com que uma parte maior dos sistemas de saúde e educacional seja privado. O nascimento do terceiro setor no Brasil, eis aí uma idéia que gostaríamos de ver em 2011.

-Fim do limite a compra de terra

Normalmente quando algo está bom demais o governo chega para atrapalhar. Como o agronegócio brasileiro é um sucesso, o governo ao invés de se preocupar com os caquéticos aeroportos do país e privatizá-los, resolve limitar a 20% de cada município a compra de propriedade de terra por estrangeiros no Brasil, provavelmente atendendo a pressões de grupos como o MST.

Isso não trará bem algum ao agronegócio, nem emprego e desenvolvimento. Alguns países africanos vão mais longe e proíbem a compra de terra por estrangeiros. A consequência

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

5. Governança
Corporativa

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

lógica é que a terra não só é ineficiente como pode ser comprada a preço de banana por locais. Mas, o Brasil, país que caminha para o desenvolvimento fazer isso foi é decepcionante, além de ter sido, no apagar das luzes, um dos piores momentos do governo Lula.

Torcemos para que em 2011 essa absurda medida seja revertida e que o caminho da sanidade seja retomado no agronegócio brasileiro. Ora, se queremos mais emprego e mais desenvolvimento, não devemos tomar medidas que vão contra esses objetivos.

-Aumento do consumo na china

O equilíbrio do sistema global de comércio, como já discutimos em algumas oportunidades por aqui, se dá entre os grandes produtores de mercadorias internacionais, a China, e os grandes consumidores, os Estados Unidos da America. Um sistema mundial mais equilibrado seria do interessante dos dois lados. A principal resposta para isso deveria se dar na via chinesa: um encorajamento do consumo local ao invés do modelo das ultimas décadas, totalmente voltado para produzir e exportar.

Um aumento do consumo chinês seria provavelmente uma das melhores noticias que a economia global poderia receber. O governo poderia fazer isso, se permitisse a valorização do Yuan, mas até agora não tem dado sinais nesse sentido. Continuaremos de dedos cruzados para que 2011 seja o ano no qual a China começa a mudar seu modelo econômico, de uma sociedade exportadora para finalmente uma sociedade cujo motor de seu próprio desenvolvimento é o consumo interno.



7. Apêndices:

I- a vida pós-recessão (texto da Economist)

Por que comprar se você pode alugar? Essa simples pergunta é fundamental para de um número crescente de empresas. Por que comprar um carro (e pagar pelo estacionamento) quando você pode alugar um sempre que você precisar comprar coisas na IKEA? Por que comprar uma bicicleta (e correr o risco de ser roubado) quando você pode simplesmente pegar uma em um rack de bicicleta perto de sua casa e deixá-la em outro rack perto do seu escritório? Por que comprar um DVD quando você pode vê-lo e devolvê-lo de forma conveniente?

Locação não é um negócio novo, é claro. Redes de hotéis e empresas de aluguer de automóveis existem há muito tempo, e poderíamos argumentar que a profissão mais antiga do mundo envolve a locação. Mas nos últimos 50 anos inquilinos foram cedendo terreno aos proprietários. Lavanderias foram fechando como as pessoas comprando cada vez mais as suas próprias máquinas de lavar. O número de pessoas com casa própria aumentava cada vez mais até a crise financeira em quase todos os lugares. Mercados de locação ficaram solidificados: hotéis e empresas de aluguer de automóveis pouco mudaram em seu modelo de negócios por décadas. No entanto, tudo isso agora está mudando de forma dramática, graças à austeridade, tecnologia e a onda verde.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

5. Governança
Corporativa

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

- 1. Introdução
- 2. Performance
- 3. Diário de Gestão
- 4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
- 5. Governança Corporativa
- 6. O futuro como nós gostaríamos
- 7. Apêndices
- 8. Sobre a FCL Capital

A internet torna mais fácil a comparação de preços, o que faz a locação de veículos e quartos de hotel mais barata. Também permite que novas maneiras de alugar e compartilhar sejam bem sucedidas. Por exemplo, a partilha do automóvel está crescendo mesmo com as vendas de automóveis enfraquecidas. Zipcar, uma empresa americana, tem 400.000 membros, que pagam uma taxa anual e podem, então, alugar carros por hora. Eles fazem login para saber onde o Zipcar mais próximo está estacionado, e devolvem o carro para um das muitas vagas de estacionamentos espalhadas por todo canto ao invés de devolverem em uma localização central. Netflix, uma empresa de aluguel de filmes, fez US \$ 116 milhões no ano passado, tornando mais fácil o aluguel de filmes pelo correio. Os governos estão se juntando a esse movimento: Londres é uma das várias cidades que aluga bicicletas para os cidadãos que se dão ao trabalho de preencher alguns formulários.

As pessoas estão alugando coisas que nunca tiveram o costume de alugar, como roupas e brinquedos. Bag Borrow or Steal, por exemplo, aplica o princípio da Netflix para bolsas de luxo. A empresa se gaba de que permite que as mulheres evitem "os sacrifícios emocionais e financeiros" da "busca infinita do acessórios correto." Rent-That-Toy faz o mesmo para velocípedes. TechShop, em Menlo Park, Califórnia, aluga espaço e ferramentas para inventores amadores. "Compartilhar é limpo, nítido, urbano, pós-moderno", diz Mark Levine, do New York Times. "Possuir é entediante, egoísta, tímido, atrasado." A mania de partilha gerou dois novos livros "What's Mine is Yours: The Rise of Collaborative Consumption", por Rachel Botsman e Rogers Roo, e "The Mesh: Why the Future of Business is Sharing", de Lisa Gansky.

Outros pioneiros de "consumo colaborativo" dispensam inventários e trabalham puramente como brokers. Alguns ajudam pessoas venderem sua capacidade disponível em qualquer coisa de vagas de estacionamento até energia. CouchSurfing conecta pessoas que tem um sofá disponível para viajantes que desejam dormir nele, no o entendimento que viajantes fariam o mesmo para alguém na rede algum dia. São 2,3 milhões de CouchSurfers registrados em 79,000 cidades do mundo. Outros grupos criaram economias especializadas. ThredUP é especializado em troca de roupas de crianças mas também negociam tudo, de maquiagem a video-games. Freecycle ajuda a doação de objetos para que

eles não acabem jogados fora; O website tem 7,6 milhões de membros.

Os gigantes que controlam a Zipcar tem interesses diferentes dos controladores da Freecycle, mas eles tem a mesma crença: Que acesso constantemente importa mais que controle, e que a tecnologia fará o compartilhamento entre pessoas mais e mais eficiente. A internet sempre foi boa em conectar vendedores e compradores; Aparelhos de GPS e redes sociais estão aumentando seu poder. Aparelhos de GPS podem conectar você com pessoas próximas que querem compartilhar caronas. As redes sociais estão ajudando derrubar uma das maiores barreiras para "consumo coletivo" - confiança. Couchsurfers, por exemplo, podem ver com um clique o que outras pessoas da rede pensam sobre o estranho que quer um sofá para dormir. Se ele é estranho ou sujo, não precisam emprestá-lo.

As pessoas estão ficando impacientes com essa "capacidade ociosa" (ou seja, desperdício). O americano médio gasta 18% da sua renda em um carro que está geralmente estacionado. Metade das casas americanas possui uma furadeira elétrica, mas a maioria das pessoas usa uma vez e esquece. Se elas são ecológicos ou estão com dificuldades financeiras, como muitos hoje em dia, parece um desperdício.

Novas formas de se mostrar atitudes para "consumo exibicionista" estão mudando. Thornstein Veblen, que criou o termo, diz que as pessoas gostam de mostrar seu status comprando muitas coisas. Mas muitos dos consumidores exibicionistas - principalmente os jovens - conseguem o mesmo efeito de forma virtual. Eles se exibem com o que estão fazendo (Twitter), com o que estão lendo (Shelfari), com o que os interessa (Digg) e quem eles conhecem (Facebook). Consumo colaborativo é a forma ideal para uma economia baseada in marcas virtuais e modas em constante mudança.

Existem limitações óbvias para esse modelo. Toda semana se vê notícia de um novo negócio que se descreve como o novo Netflix ou coisa do gênero. O consumo coletivo está acabando com modelos de negócios estabelecidos com preconceitos obsoletos. A internet pode ser sinônimo de novidade, mas ao encorajar pessoas a re-utilizar objetos ao invés de comprar novos, isso poderá reviver a velha crença de construir objetos que sobrevivam ao tempo.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização das coisas

4.3. A globalização das pessoas

5. Governança Corporativa

6. O futuro como nós gostaríamos

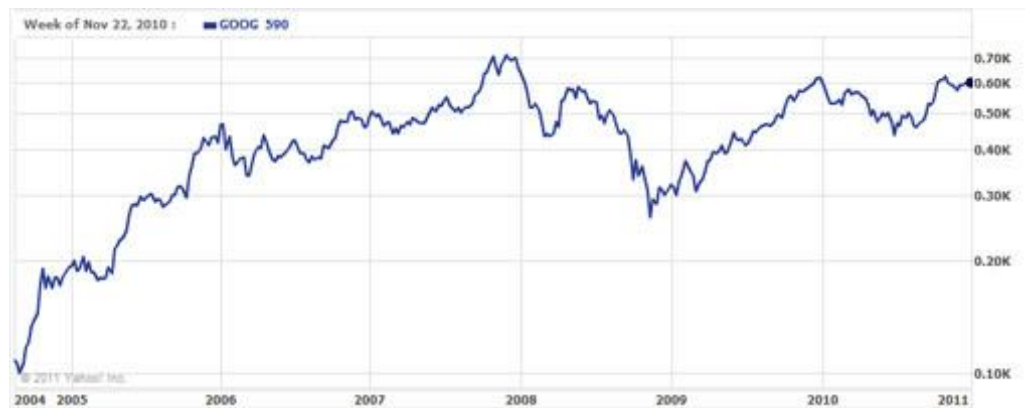
7. Apêndices

8. Sobre a FCL Capital

1. Introdução
2. Performance
3. Diário de Gestão
4. As linhas tortas da globalização
 - 4.1. Introdução
 - 4.2. A globalização das coisas
 - 4.3. A globalização das pessoas
5. Governança Corporativa
6. O futuro como nós gostaríamos
7. Apêndices
8. Sobre a FCL Capital

II- Google: a melhor empresa do mundo

Todos os anos, gestores de recursos de todos os cantos do planeta são convidados a votar em diversas categorias para revistas especializadas. Existem premiações para empresa mais transparente, balanço mais detalhado, melhor tratamento de acionistas minoritários, etc. Um dos prêmios é especialmente subjetivo: empresa mais fantástica do planeta. É justificável que muitos tenham um problema para conceder um prêmio como esse. Afinal existe uma infinidade de empresas incríveis pelo globo hoje em dia. Como escolher a mais genial? Mas nos últimos 3 anos, não tive dúvidas em quem votar: o Google é em minha opinião, de longe, a empresa mais fantástica do planeta.



Não só é uma das empresas que tem a missão mais fantástica e ousada, arquivar e tornar acessível todo o conhecimento da produzido pela humanidade, como tem sido cada vez mais arrojada, bem sucedida, e lucrativa em entregar esta missão a seus consumidores. Na época do IPO da Google muitas achavam que a empresa, apesar de boa qualidade, tinha ações caras. Eu estava neste grupo. É com prazer que vejo o quanto eu estava errado. O desempenho das ações da Google desde então foi espetacular, como mostra nosso gráfico acima.

Além disso, a empresa não para de ter novas aplicações fantásticas: não basta organizar todo o conhecimento de sites de busca da web, agora a GOOGLE tem partido para os livros (Google books e Google editions), vídeos (YOUTUBE), celulares (ANDROID), já que no futuro a maioria dos usuários de internet do planeta acessar a web via celular e não via computador.

1. Introdução

2. Performance

3. Diário de Gestão

4. As linhas tortas da
globalização

4.1. Introdução

4.2. A globalização
das coisas

4.3. A globalização
das pessoas

5. Governança
Corporativa

6. O futuro como
nós gostaríamos

7. Apêndices

8. Sobre a FCL
Capital

Como se sabe, a biblioteca de Alexandria no antigo Egito foi a primeira tentativa da humanidade de organizar em um único lugar todo o conhecimento que já havia sido produzido. O Google parece ser a derradeira e bem sucedida tentativa. Claro, isso gera problemas. A empresa possui cada vez mais informação sobre todos nós e isso irá gerar questões delicadas com os usuários e com seus governos.

Ainda assim, devemos bater palmas para o gesto da Google de entregar de bandeja o mercado Chinês a seus concorrentes, logo um mercado to importante!, e se retirar do país por não concordar com censura em suas buscas. Sergey Brin, um dos fundadores da empresa nasceu na antiga Geórgia, então na União Soviética e sabe bem o mal que o autoritarismo e a censura fazem. Ainda assim é muito raro ver uma empresa seguir seu ethos e sua missão a ponto de abrir mão de tanta receita. Só isso já seria motivo para os consumidores preferirem a Google sobre seus adversários (que aliás não tiveram nem de longe a mesma atitude).

Mas há mais. Ao desafiar a cultura convencional, adotar um ambiente jovem, informal e permitir que seus funcionários dediquem 20% do tempo a projetos pessoais, o Google cumpre a missão que afirmou que iria cumprir no prospecto de seu IPO: "não somos uma companhia convencional e nem pretendemos nos tornar uma". Quem der uma caminhada pelo Googleplex, a sede da Google, que fica perto de San Francisco na Califórnia, terá exatamente esta sensação. Lugares comunitários, wi-fi por toda a parte, poucas salas de reunião e poucos escritórios convencionais. Muitas cores e muitos estímulos a criatividade.

<http://investor.google.com/corporate/2004/ipo-founders-letter.html>

Para horror dos publicitários, é a empresa de crescimento mais veloz na história, e isso sem nunca ter feito um único anúncio. O produto é bom demais e sequer precisa ser anunciado, além de ser gratuito. Como disse certa vez o editor da Wired: publicidade é um prêmio que se paga pela sua mediocridade. Porém, após 11 anos e 6 trilhões de buscas, no superbowl deste ano, final do campeonato de futebol americano NFL, o espaço publicitário mais caro da TV mundial, a Google finalmente lançou seu primeiro anúncio. O resultado- "Search on!". <http://www.youtube.com/watch?v=rS4Lbie4Lc>

8- Sobre a FCL Capital

A FCL Capital é uma empresa de investimentos sediada no Rio de Janeiro, cujo objetivo é maximizar o retorno de seus investidores. O nicho principal, mas não exclusivo, de atuação da FCL é investimentos em empresas abertas (posições compradas e vendidas nos mercados acionários). Para saber mais sobre nosso trabalho, entre em contato conosco:

Telefone: (55)(21) 3268-7918 | e-mail: fcl@fclcapital.com

Equipe: Fernando Araujo, Gustavo Prado, Felipe Marcondes e Besmar Lino